



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Seminário de Português

JAMILE MAEDA E SILVA
09/0007832

**AS PERSPECTIVAS ÁTONO/TÔNICO E DEFICIENTE/FORTE EM PRONOMES
PESSOAIS DO FRANCÊS:**
um estudo sobre dois pontos de vista

**ORIENTADORA DRA. HELOISA MARIA MOREIRA LIMA DE ALMEIDA
SALLES**

Brasília

2012

JAMILE MAEDA E SILVA
09/0007832

AS PERSPECTIVAS ÁTONO/TÔNICO E DEFICIENTE/FORTE EM PRONOMES
PESSOAIS DO FRANCÊS:
um estudo de dois pontos de vista

Monografia apresentada ao Departamento de
Linguística, Português e Línguas Clássicas do
Instituto de Letras da Universidade de Brasília
como requisito para obtenção do grau de
licenciatura em Letras – Português.

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Maria
Moreira Lima de Almeida Salles

Brasília

2012

Resumo

O presente trabalho trata-se de um estudo sobre dois modelos de análise de pronomes: o binomial, considerado uma visão mais tradicional, que os separa em átonos e tônicos, e o tripartido, uma divisão relativamente nova que os separa em três categorias: fortes, fracos e clíticos. Tem-se como objetivo inicial explicar a teoria da tripartição, proposta por Cardinaletti e Starke (1999), nas línguas românicas e mostrar sua relevância. Também, traz-se um panorama dos clíticos na visão binomial, com o intuito de entender o significado de **restrição** e as demandas para aparecer na sentença. O principal enfoque deste trabalho, entretanto, é dado à análise dos pronomes pessoais da primeira e da segunda pessoa do singular na língua francesa: por meio de exemplos atuais, tanto orais quanto literários, mostram-se seus usos e suas ocorrências. Trabalha-se com a ideia de que é possível analisá-lo por ambas as teorias e de que uma não invalida a outra.

Palavras-chave: Pronomes. Francês. Clíticos. Átonos. Tônicos. Fracos. Fortes. Restrições.

Abstract

This paper discusses two theories of pronominal analysis: the binomial, considered a more traditional view, which divides them into unstressed and stressed, and the tripartite, a relatively new model which separates them into three categories: strong, weak and clitics. As an initial goal, it is expounded the tripartite theory, proposed by Cardinaletti and Starke (1999), in the romanic languages e shown its relevance. Also, it is brought a panorama of clitics in the binomial theory, aiming to understand the meaning of the word **constrain** and the demands to appear in the sentence. The main focus of this paper, however, is given to the analysis of the singular forms of the first and the second person pronouns of the French language: by current examples, both oral and literary, their uses and events are shown. The idea that it is possible to analyze by both theories and that one of them doesn't nullify the other is greatly explored.

Key-words: Pronouns. French. Clitics. Unstressed. Stressed. Weak. Strong. Constrains.

Résumé

Le présent travail s'agit d'une étude sur deux modèles d'analyse de pronoms: le binomial, considéré une vision plus traditionnelle, qui les divise en atones et toniques, et le tripartite, une division relativement nouvelle que les sépare en trois catégories: forts, faibles et clitiques. L'objectif initial est d'expliquer la théorie de la tripartition, proposée par Cardinaletti et Starke (1999), dans les langues romanes et montrer sa pertinence. En plus, un panorama est fait de les clitiques dans la vision binomial, avec le but de comprendre le sens du mot **contrainte** et les demandes à apparaître dans la phrase. Le centre de ce travail est, toutefois, l'analyse des pronoms de la première et de la deuxième personne du singulier de la langue française: pour exemples actuels, tant oral comme littéraire, on montre leurs utilisations et leurs apparitions. L'idée selon laquelle est possible analyser les pronoms pour toutes les deux théories et selon laquelle une théorie n'invalide pas l'autre est beaucoup utilisée.

Mots-clés: Pronoms. Français. Clitiques. Atones. Toniques. Faibles. Forts. Contraintes.

Sumário

Introdução	Erro! Indicador não definido.
1. Os sistemas pronominais em línguas românicas	Erro! Indicador não definido.
1.1 Os pronomes e a teoria da tripartição	Erro! Indicador não definido.
1.2 Os pronomes clíticos no sistema binário	Erro! Indicador não definido.
2. Estudo de caso: os pronomes pessoais no francês	Erro! Indicador não definido.
3. Análise dos dados sob a perspectiva da tripartição	Erro! Indicador não definido.
Considerações finais	Erro! Indicador não definido.
Referências bibliográficas	33

Introdução

Diante da imensa diversidade das línguas ao redor do mundo, encontra-se o interesse em caracterizar, de forma contrastiva, os inúmeros elementos que ocorrem nas sentenças produzidas pelos falantes. Os estudos identificam propriedades na categorização de sentenças, especificidades na expressão dos morfemas. Uma categoria mostra-se muito relevante: a classe gramatical dos pronomes pessoais e suas singularidades. Tradicionalmente, os pronomes pessoais são observados sob um ponto de vista binomial. Essa dicotomia distingue formas átonas e tônicas. Há, entretanto, uma maneira mais recente de analisá-los: o sistema da tripartição dos pronomes, proposto por Anna Cardinaletti e Michal Strake em 1999, que separa os pronomes em proformas fortes, fracas e clíticas. O inovador, em sua teoria, além da adição de mais uma categoria de pronomes, é trazer à discussão o termo **deficiência** e usá-lo para guiar a explicação para determinadas ocorrências. De acordo com os dois estudiosos, a proforma forte não apresentaria deficiência ou restrição alguma em relação a seu aparecimento na sentença, ao passo que as fracas e clíticas o teriam. As fracas, que podem ser consideradas levemente deficientes em relação às clíticas, que são severamente deficientes, apresentariam restrições como não serem licenciadas na coordenação, enquanto as clíticas possuiriam as restrições das fracas, mais algumas próprias. Interessante é que, ainda que a proforma forte não apresente deficiência alguma, ela é deixada de lado se uma forma deficiente pode ocorrer, ou seja, se a forma deficiente for passível de aparecer na sentença, a proforma forte é impossível.

Proposto para as línguas naturais em geral, um estudo sobre essa teoria que as englobasse todas correria o risco de generalizar e de ser infiel às diversas assimetrias presentes nas línguas. Portanto, o presente trabalho se propõe examinar a língua francesa, e, de maneira mais específica, o comportamento dos pronomes pessoais átonos – *je* e *tu* para a posição de sujeito e *me* e *te* para a de objeto – e tônicos – *moi* e *toi* – sob a luz a tripartição pronominal.

O cerne da problematização deste trabalho é uma análise que atrele ambas as teorias, procurando comprovar que o modelo da tripartição dos pronomes é adequado para se estudar os pronomes pessoais *conjointes* (átonos) e *disjoints* (tônicos), o quais foram tratados previamente no sistema binomial. Para isso, recorre-se a gramáticas tradicionais francesas e a estudos linguísticos sobre pronomes e clíticas, buscando-se avaliar a contribuição de cada abordagem.

Este trabalho está dividido em três partes basilares que refletem o desenvolvimento do pensamento aqui abordado. O primeiro capítulo, intitulado *Os sistemas pronominais em línguas românicas*, visa à revisão dos pressupostos teóricos sobre dois modelos de análise para pronomes pessoais nas línguas românicas: o sistema binomial, tradicional e amplamente utilizado por teóricos do mundo todo, e o sistema tripartido, que tem ganhado cada vez mais espaço na área de linguística. Ainda nesta seção, são enfocadas as discussões sobre pronomes e clíticos.

No segundo capítulo, *Estudo de caso: os pronomes pessoais no francês*, objetiva-se fazer um panorama sobre os pronomes pessoais da língua francesa atual e suas peculiaridades, como uso geral, posição na sentença e sonoridade. O embasamento teórico dá-se pelo ponto de vista do modelo binomial, encontrado em gramáticas tradicionais aclamadas, como *Le bon usage* (1964), de Maurice Grevisse.

Em *Análise dos dados sob a perspectiva da tripartição*, última parte deste trabalho, propõe-se a atrelar as duas primeiras partes, analisando casos específicos dos pronomes pessoais do francês, mais especificamente da primeira e da segunda pessoa do singular, na perspectiva do modelo tripartido. Busca-se, assim, comprovar que é possível estudar os pronomes sob a égide do modelo de Cardinaletti e Starke, proposto em 1999. Faz-se necessário evidenciar que não é, em momento algum, objetivo invalidar o modelo binomial, pois este foi a base para que o outro modelo fosse criado.

Por todas as etapas de análise acima, pretende-se desenvolver um trabalho que abarque características importantes da discussão sobre pronomes pessoais e seus usos. Ressalta-se, no entanto, que o que se sugere aqui não visa ao esgotamento da crítica ou dos estudos possíveis sobre o tema proposto, visto a vasta ocorrência do uso de pronomes e da mutabilidade das línguas.

1. Os sistemas pronominais em línguas românicas

1.1 Os pronomes e a teoria da tripartição

É característica geral das línguas que palavras se dividam em classes. Há múltiplas classes relevantes, como a dos substantivos, dos verbos, dos adjetivos, e variados pares de oposição, como o de adjetivos e advérbios ou de verbos transitivos e intransitivos. Uma oposição que se destaca dentre as outras é a que ocorre entre as diferentes classes de pronomes.

Pronomes, segundo Creissels (2006: 81), são palavras gramaticais que têm, na frase, distribuição parecida à dos constituintes nominais e cujos referentes seriam suscetíveis de serem representados por constituintes nominais canônicos. Enquanto os nomes têm significado lexical independente do contexto, o significado de cada pronome estará sempre atrelado a este e toma por características semânticas aquelas do nome a que se refere.

O termo **pronome**, ainda que aplicado frequentemente para designar formas livres que participam da construção da frase de maneira equivalente à dos constituintes nominais, serve também para se referir a formas dependentes (*liées*), como clíticos e afixos, que podem ser analisados como substitutivos dos constituintes nominais (Creissels, 2006: 81), como ocorre no inglês *Mark's pet is young* ('O bichinho do Marcos é jovem'), em que relação possessiva entre 'Mark' e 'pet' é marcada gramaticalmente pela adição do elemento 's, anexado ao final do sintagma nominal que designa o possuidor.

Os pronomes cumprem a função de permitir que o falante se refira repetidamente a um dado referente – coisa, pessoa, animal – em seu discurso, pois repetir o nome em todas as vezes seria inoportuno. Como forma de construir a referência às entidades no discurso, os sistemas linguísticos acionaram a categoria referida como **pronome**, que se apresenta com as seguintes propriedades discursivas: a primeira pessoa é quem fala; a segunda, com quem se fala e, por fim, a terceira, de quem se fala.

O estudo dos sistemas pronominais levou à identificação de um contraste definido em uma perspectiva binominal, que os divide em átonos e tônicos. No português brasileiro, por exemplo, existem os pronomes pessoais do caso oblíquo, dividido em átonos – **me, te, o, a, lhe, nos, vos, os, as** e **lhes** – e tônicos – **mim, ti, ele, ela, nós, vós, eles e elas** –, que funcionam em posições específicas da sentença, como em (1):

(1)

- a) Ele mesmo **me** disse que o presente era para **ti**.
- b) Não diga nada a **eles**, tá?
- c) O professor **nos** viu fora de sala de aula.
- d) Ele **o** comprou para **mim**, mas eu **lhe** devolvi.

Basicamente, os pronomes pessoais oblíquos átonos são licenciados na posição de objeto. Os átonos da primeira e da segunda pessoa, seja do singular, seja do plural, podem aparecer tanto na função de objeto direto (cf. 1c) quanto na de objeto indireto (cf. 1a), enquanto a terceira pessoa tem formas específicas – **o(s)** e **a(s)** para a função de objeto direto (cf. 1d) , e **lhe(s)** para a função de objeto indireto (cf. 1d): vejam-se os exemplos (1a, c, d). As formas oblíquas tônicas **mim**, **ti** , **ele(a)(s)**, **nós**, **vós** aparecem em construções que possuem preposição (cf. 1a, 1b).

A distinção do uso entre tônico e átono no português é muito maior do que isso, entretanto, não é este o foco do presente trabalho. Por o modelo binomial para estudo dos pronomes ser bastante clássico e tradicional, é possível encontrá-lo em inúmeras línguas. Apesar de esse sistema ser consagrado, do ponto de vista descritivo, hoje, tem havido um crescente número de artigos e estudos sobre uma nova oposição, frequentemente estudada dentro da classe de pronomes: o modelo da tripartição do pronome, proposto por Cardinaletti e Starke (1999).

Esses autores realizaram estudos comparativos das línguas e observaram similaridades no sistema pronominal das línguas naturais, as quais poderiam dividir os pronomes em três séries com propriedades sintáticas, morfológicas, semânticas e fonológicas distintas. Assim, apresentaram o modelo tripartido para os pronomes, dividindo-os em proformas fortes, fracas e clíticas. As séries de proformas fracas e clíticas apresentam certas deficiências para existirem na sentença, e a hierarquia de deficiência apresenta-se como a que segue:

Clíticos < Fracos < Clíticos

As proformas fracas são deficientes em relação às fortes, e os clíticos são deficientes em relação às fracas, sendo que cada classe de pronomes apresenta as deficiências da classe anterior, além de apresentar novas deficiências. As proformas deficientes devem aparecer em posição especial derivada e não são passíveis de aparecer em posições temáticas nem periféricas, como no deslocamento e na clivagem, e não apresentam termos coordenados. Além disso, os pronomes fracas e clíticos não podem ser c-modificados, o que significa que

não pode haver elementos que modifiquem todo o sintagma nominal. Vejam-se alguns exemplos do italiano (2)¹:

(2)

a) Clivagem:

*E' {*Essa; Lei; Maria} che è bella.*

‘É {essa; ela; Maria} que é bela.’

b) Isolamento:

*Chi è bella? {*Essa; Lei; Maria}.*

‘Quem é bela? {Essa; Ela; Maria}.’

c) Deslocamento para a esquerda:

*{*Essa; Lei; Maria}, lei è bella.*

‘{Essa; Ela; Maria}, ela/essa é bela.’

Em (2a), vê-se que, em situação de clivagem, o pronome *essa* não pode ser inserido, sendo preferida a proforma forte *lei*. O mesmo caso ocorre em (2b, c), em que, em posições de isolamento e de deslocamento para a esquerda, o pronome forte é licenciado. No português, situação semelhante acontece com o pronome **você** e suas formas reduzidas **ocê** e **cê**. Segundo Petersen (2008), **cê** é uma proforma fraca, observe-se (3)²:

(3)

a) Coordenação:

O João e {*cê/ ocê/ você} foram ao cinema ontem?

A Maria disse que {*cê/ ocê/ você} e eles adoraram a festa.

b) Clivagem:

Eu não sou apressada. É {*cê/ ocê/ você} que é muito lento.

c) Como sujeito:

Cê já viu isso?

Por não poder ocorrer em clivagem nem em coordenação, é clara a ideia de que o **cê** possui alguma deficiência. E, por ocorrer na posição de sujeito, Petersen mostra que o pronome **cê** não é clítico. Em (4), a posição em que o **cê** aparece também pode ser licenciada para as duas formas fortes **ocê** e **você**, o que constitui uma discrepância em relação ao modelo

¹ Os exemplos foram retirados e traduzidos de Cardinaletti e Starke (1999).

² Os exemplos de Petersen (2008).

proposto por Cardinaletti e Starke (1999). Se uma forma fraca ocorre em determinada situação, a proforma forte não pode ocorrer.

(4) É verdade que {cê; ocê; você} gosta de macarrão?

O que pode parecer uma discrepância é, para Petersen (2008), algo comum: as proformas **ocê** e **você** possuem duas formas subjacentes homófonas: uma forte e uma fraca³. Essa peculiaridade também é vista em várias línguas.

Estes são alguns exemplos atuais, uma vez que, antes de Cardinaletti e Starke (1999), o modelo analisado para os pronomes era sempre binário: a divisão se dá entre tônicos e átonos. Com o novo modelo proposto, é possível reanalisar inúmeras teorias sobre os pronomes em diferentes línguas, não apenas nas românicas.

1.2 Os pronomes clíticos no sistema binário

Enquanto a distinção entre palavras independentes e afixos é bastante clara, há um grupo de formativos⁴, em várias línguas, que são difíceis de se classificar como um ou outro. A este grupo, damos o nome de clíticos⁵. Trata-se de uma proforma bastante heterogênea, pelo menos, quando vista superficialmente, e sua definição varia de estudo para estudo.

Estes elementos possuem algumas características em comum com palavras completamente desenvolvidas, denominadas *fully fledged words* (Spencer, 1991: 350), contudo não apresentam a independência destas. São definidas como palavras dependentes, designadas *formes liées* (Creissels, 2006: 28), pois precisam estar ligados a um hospedeiro ou *host* (Halpern, 2001: 101) para existirem na frase. Isso os faz parecer afixos, ou mesmo afixos inflexíveis, como se pode ver no português “dar-te-ei um beijo”, em que o clítico aparece no meio do verbo.

O fenômeno da clitização, no entanto, é mais livre e menos restrito lexicalmente do que a afixação, no sentido de que os clíticos podem se juntar a qualquer palavra na sentença, desde que atenda a suas restrições e esteja na posição correta, enquanto afixos, em geral, juntam-se a classes específicas de palavras ou radicais (Spencer, 1991: 350). Esta regra, porém, não atende a todos os casos, o que dificulta ainda mais o estudo de linguistas e que tem permitido inúmeros estudos, sob diversas perspectivas, sobre o assunto.

³ Para ver todo desenvolvimento das proformas **cê**, **ocê** e **você**, leia-se Petersen (2008).

⁴ É preferível o termo **formativo** a **morfema**, pois vários clíticos parecem ser segmentáveis em partes significativas, contradizendo a noção de **morfema**, como a menor unidade linguística com significado.

⁵ O termo **clítico** vem do grego *κλίειν*, que significa “inclinarse”.

Os pronomes são os elementos mais conhecidos como clíticos, todavia, não só eles são considerados clíticos: conjunções, verbos auxiliares e participios modais também o são. Vejam-se os exemplos (5) de clíticos não pronominais no inglês:

(5)

a) *John's car was washed yesterday.*

‘O carro do João foi lavado ontem.’

b) *That car's (= has) been washed twice this week.*

‘Aquele carro foi lavado duas vezes nesta semana.’

Pronomes e auxiliares reduzidos, como no inglês (5), são considerados clíticos simples. Eles não possuem tonicidade e são pronunciados como uma só unidade com as palavras precedentes (Halpern, 2001: 101). Este tipo de clítico é ditado pela fonologia e afetado pela rapidez da fala e nível de formalidade (Spencer, 1991: 376). Os clíticos simples são ainda chamados de clíticos fonológicos, devido às características apresentadas.

Há os clíticos especiais, considerados como verdadeiros alomorfes de palavras de sentido cheio, denominadas *full form words* (Spencer, 1991: 376). Por não serem derivadas destas, como ocorre com o *has* no inglês, que se transforma em *'s* na linguagem oral, os clíticos especiais não dependem da velocidade da fala. No português europeu, bons exemplos de clíticos especiais são frequentemente vistos: eles aparecem na sentença, geralmente, na posição pós-verbal (6a). Existem fatores, entretanto, que deslocam o clítico para a posição anterior ao verbo, como (6b) uma oração subordinada substantiva, (6c) um advérbio que marque uma *wh-phrase*⁶, (6d) um sujeito com valor universal e (6e) constituinte nominal. Observe-se:

(6)

a) Joaquim viu-o.

b) Diz-se que Joaquim o viu.

c) Quando Joaquim o viu?

d) Todos o viram.

e) Algumas mulheres o viram.

⁶ Perguntas que começam com os marcadores do inglês *what*, *who*, *when*, *where*, e *why* (‘o quê’, ‘quem’, ‘quando’, ‘onde’ e ‘por quê’, respectivamente).

Não é para se pensar, todavia, que a classificação dos clíticos possa ser, assim, esgotada. Além destes dois tipos, mais gerais, de clíticos, existem, ainda, clíticos verbais, de segunda-posição (posição de Wackernagel) e existem características referentes a cada situação, a cada língua. Para estudos mais aprofundados sobre clíticos, consulte-se Spencer (1991), Halpern (2001) e Riemsdijk (1999).

Alguns linguistas propuseram estudar este fenômeno sob uma perspectiva puramente sintática, de posse do argumento de que clíticos são pronomes degenerados. Pelo fato de os clíticos se comportarem, muitas vezes, como afixos, outros teóricos os observavam por um ponto de vista sintático-morfológico. Neste estudo, será usada a visão de Spencer (1991) de que clíticos são o ponto de encontro entre morfologia, sintaxe e fonologia. Esta visão engloba os argumentos dos estudiosos há pouco mencionados de que clíticos são pronomes degenerados e de que se comportam, muitas vezes, como afixos, sendo necessário estudá-los pela luz da sintaxe. Do ponto de vista fonológico, clíticos são prosodicamente fracos, sem acento, e não são flexões canônicas ou afixos derivacionais. Seja sua dependência inata ou derivada de alguma redução, os clíticos devem ser incorporados na estrutura acentual de uma palavra ou de um sintagma adjacente, o hospedeiro, para serem pronunciados na frase (Halpern, 2001: 101). Visto pela morfologia, então, clíticos ainda nos ajudam a entender a natureza da palavra.

Por ser um grupo de elementos extremamente heterogêneo, há várias tentativas de unificar a teoria sobre clíticos e, assim, facilitar futuros estudos. A primeira a propor unificação foi Judith Klavans, em 1985, e sugeriu que a distribuição dos clíticos poderia se dar por um número limitado de parâmetros, mais especificamente, três:

- P1: Inicial/ final
- P2: Depois/ antes
- P3: Proclítico/ enclítico

O parâmetro P1 indica se o clítico deve ser posicionado levando em consideração a primeira ou a última filha sintática do domínio, P2 diz respeito ao fato de ele aparecer antes ou depois de sua filha, e P3 especifica se sua posição é proclítica ou enclítica (Klavans *apud* Halpern, 2001). Hoje, já houve mudanças na proposta de unificação teórica dos clíticos por Nespor e Vogel (1986), Sadock (1991) e Anderson (1993) (*apud* Halpern, 2001). Toda teoria de unificação sobre um assunto tão diversificado, porém, corre o risco de generalizar e deixar de lado aspectos relevantes para certas línguas. É interessante, mesmo assim, estudá-las: para isso, consultem-se Halpern (2001) e Spencer (1991).

A noção de clítico, muito marcante no sistema binomial, também está presente no modelo a ser analisado, o tripartido. Por isso, precisou-se de aprofundamento desta categoria para entender mais sobre sua sonoridade, sua necessidade de estar ligado a um *host* e suas peculiaridades. Assim, foi possível entender melhor os modelos dicotômico e tripartido, para que essas noções são extremamente importantes.

2. Estudo de caso: os pronomes pessoais no francês

Os pronomes pessoais no francês são *je, me, moi, nous, tu, te, toi, vous, il, le, ils, eux, elle, lui, les, leur, se, soi, en* e *y*. Esses pronomes variam em gênero, número e caso. De acordo com Grevisse (1964: 408), o francês abandonou a declinação de nomes, adjetivos e pronomes, entretanto o pronome pessoal guardou certa declinação: em geral, ele apresenta formas variadas para a posição de sujeito e de objeto. Veja-se o quadro 1 abaixo:

		Átonos				Tônicos	
		Sujeito	Complemento				
			Direto	Indireto			
		Nominativo	Acusativo	Dativo	Genitivo, ablativo	Sujeito ou complemento	
Singular	1ª pessoa	je	me	me		moi	
	2ª pessoa	tu	te	te		toi	
	3ª pessoa	masculino	il	le	lui (y)	(en)	lui
		feminino	elle	le			elle
		neutro	il	le	y	en	
		reflexivo		se			soi
Plural	1ª pessoa	nous				nous	
	2ª pessoa	vous				vous	
	3ª pessoa	masculino	ils	les	leur (y)	en	eux
		feminino	elles				elles
		reflexivo		se			

Quadro 1: o sistema pronominal francês atual segundo perspectiva binomial

Observam-se alguns usos dos pronomes mostrados no quadro 1:

(7)

a) *Je pense sur ma qualité de vie.*

‘Eu penso sobre minha qualidade de vida.’

(Sujeito – pronome átono)

b) *Elle te salue toujours quand elle passe par ton travail.*

‘Ela sempre te saúda quando ela passa por teu trabalho.’

(Objeto direto – pronome átono)

c) *Tous les jours, il me dit qu’il va voyager au Canada.*

‘Todos os dias, ele me diz que ele vai viajar para o Canadá.’
(Objeto indireto – pronome átono)

d) *Dis-nous quel est ton problème.*

‘Diga-nos qual é teu problema.’

(Complemento de verbo no imperativo – pronome tônico)

e) *Le chien n’obéit qu’à vous.*

‘O cachorro só obedece a vós.’

(Complemento preposicionado – pronome tônico)

Fundamentalmente, é possível distinguir-se no sistema de pronomes pessoais um caso sujeito (7a), que ocorre por um pronome átono sujeito; um caso objeto direto (7b), em que ocorre um pronome átono objeto; um caso objeto indireto (7c, d), em que aparecem pronomes tônicos objetos; e um caso preposicionado (7e), visto com um pronome preposicionado tônico objeto.

Os pronomes do francês possuem características semântico-sintáticas bastante assimétricas, seja a oposição entre pronomes *conjointes* e *disjointes*, seja entre as pessoas do discurso. Vejam-se os exemplos (8):

(8)

a) *L’oeuf, prend-{\le; les}!*

‘O ovo, pega-o!’

b) *Dit-{\lui; leur} ton nom, Marie.*

‘Diga a ele seu nome, Maria.’

c) *Conduis-{\moi; *me} à prendre mes papiers.*

‘Leva-me para pegar meus documentos.’

d) *Fais-{\moi; *me} un gâteau./ Fais-nous...*

‘Faça-me um bolo.’

e) *Repose-{\toi; *te}! Reposons-nous ! Reposez-vous*

‘Descanse!’

Em (8a), o pronome átono *le*, que corresponde ao objeto direto da terceira pessoa do singular, pode aparecer em posição pós-verbal, após o imperativo. Para representar o objeto indireto, na terceira pessoa do singular, é necessário o uso da forma tônica *lui* (8b). Já para as formas da primeira e da segunda pessoa do singular, as formas átonas *me* e *te* não são licenciadas em momento algum, quer como objeto direto, quer como indireto (8c, d, e). Conclui-se que a 1ª e a 2ª pessoa do singular apresentam restrição à forma átona na posição pós-verbal, enquanto a 3ª pessoa não manifesta tal restrição.

Outra assimetria que se mostra nos pronomes pessoais ocorre na formação de pergunta no francês *soutenu*⁷, em que há a inversão de sujeito-verbo para verbo-sujeito. Mais uma vez, o pronome átono *il* é mais livre para o uso do que os pronomes da primeira pessoa do singular.

(9)

a) *Part-il*⁸ *aujourd'hui*?

‘Ele parte hoje?’

b) **Pars-je* *aujourd'hui*?

‘Eu parto hoje?’

c) *Suis-je* *le fou*?

‘Sou eu o louco?’

Como se pode ver em (9a), o pronome da terceira pessoa do singular ocorre facilmente. Já em (9b), a sentença é agramatical. O pronome pessoal *je* (9c) só é licenciado para essa posição juntamente com uma pequena lista de verbos: *avoir*, *dire*, *devoir*, *faire*, *pouvoir* (na forma *puis*), *savoir*, *être*, *aller*, *vouloir*, *voir*⁹. Halpern (2001) já havia dito que clíticos podem ser tônicos quando juntos com a unidade adjacente, neste caso, o verbo à esquerda, conjugado no presente do indicativo, em situações de perguntas.

Por essas duas razões citadas, não seria plausível tratar das três pessoas do singular como um estudo geral. Faz-se necessário, pois um estudo separado entre as formas da primeira e da segunda pessoa e as da terceira pessoa, as três do singular. Neste trabalho, pretende-se estudar apenas os pronomes átonos e tônicos *je*, *tu*, *me*, *te*, *moi* e *toi*, pois não

⁷ O francês possui três tipos de linguagem. O *familier*, dito familiar, cujo uso é o do dia a dia com amigos e família; é, por isso, informal. O *standard* pode ser usado tanto para pessoas conhecidas quanto desconhecidas e já é considerado formal. Por fim, há o francês *soutenu*, cujo uso é de extrema formalidade.

⁸ É importante notar que, se o verbo em cuja inversão será feita terminar em vogal, é inserido um *t* eufônico para ajudar na tonicidade vogal-vogal, como em *demande-t-il*?

⁹ Os respectivos verbos são ‘ter’, ‘dizer’, ‘dever’, ‘fazer’, ‘poder’, ‘saber’, ‘ser’, ‘saber’, ‘querer’ e ‘ver’.

seria igualmente interessante misturá-las com as pessoas do plural. A terceira pessoa do plural comporta-se de maneira similar a sua respectiva forma no singular e, assim, não é objeto de estudo deste trabalho. As formas *nous* e *vous* também serão deixadas de lado, não por se comportarem diferentemente de seus respectivos pronomes no singular, mas por serem homófonas e homógrafas em todas as ocorrências, situação que não deixa clara a cisão no uso que se busca mostrar.

A intenção, neste trabalho, é mostrar que se podem estudar os pronomes pessoais franceses, trabalhados de modo costumeiramente sob uma perspectiva binomial átona/tônica, segundo a nova proposta de estudo dos pronomes, o modelo da tripartição, dividido em proformas fortes, fracas e clíticas, postulado por Cardinaletti e Starke (1999). Para isso, lançam-se mão de exemplos nas situações em que podem ou não ocorrer.

3. Análise dos dados sob a perspectiva da tripartição

Esta seção levará em consideração a gramática de Grevisse (1964), por esta ser a base da gramática tradicional deste trabalho. Certas formas dos pronomes pessoais são átonas¹⁰ – *je, me, tu* e *te* – e recebem também o nome de pronomes *conjointes*. Essas formas só podem ser empregadas no nominativo (*je veux*, ‘eu quero’), no acusativo (*je te vois*, ‘eu te vejo’) ou no dativo (*je te dis*, ‘eu te digo’). A regra geral para as formas átonas é que elas se posicionam sempre imediatamente ao lado do verbo, à esquerda, em posição proclítica, como ocorre na maioria das vezes, em (10), por exemplo. Diferentemente do que acontecia na língua desde a Idade Média até o século XVI, uma vez que as terminações verbais, então sonoras, eram suficientes para indicar as pessoas gramaticais; hoje, faz-se necessária a presença do pronome pessoal acompanhando o verbo da oração, e, portanto, pode-se dizer que os pronomes são parte integrante dos verbos que acompanham.

(10)

a) Pronome sujeito:

Je ris, tu pleures et donc je dis que je vais avec toi.

‘Eu rio, tu choras, e então eu digo que eu vou contigo.’

b) Pronome complemento (direto ou indireto):

Si je t’ennuye avec mon discours, tu me dis.

‘Se eu te aborreço com meu discurso, tu me digas.’

Como se pode observar pelo exemplo (11a) abaixo, o pronome pessoal, como sujeito, deve se repetir sempre na subordinação. Na coordenação (11b), entretanto, a repetição é facultativa, a não ser que haja uma necessidade de marcar uma forte oposição entre sentidos (11c). A obrigatoriedade da repetição do pronome volta a acontecer quando o pronome exerce a função de objeto, como em (12a, b).

(11)

a) Subordinação:

*Tu m’a dit que {tu; *(tu)} sortirais.*

¹⁰ Os pronomes hoje chamados *conjointes je, tu* e *il*, até o século XVI, eram tônicos quando separados do verbo (Grevisse, 1964: 410). Hoje, o pronome pessoal da primeira pessoa do singular *je* será tônico somente no enunciado, usado em contexto jurídico, *je soussigné* (‘eu assino embaixo’).

‘Tu me disseste que tu sairias.’

b) Coordenação:

Je l’aime et (je) l’estime.

‘Eu o amo e o estimo.’

c) Coordenação, cujo sentido passa do negativo para o positivo, em contraste:

Je ne plie pas et je romps.

‘Eu não cedo mais e eu termino [a relação].’

(12)

a) Subordinação:

Tu me dis que tu {m’; (m’)} aime, mais je ne le crois pas.

‘Tu me dizes que tu me amas, mas eu não acredito.’

b) Coordenação:

*Tu me flattes et {me; *(me)} loues.*

‘Tu me lisonjeias e me elogias.’¹¹

As vogais *e* das formas *je*, *me* e *te* poderão ser pronunciadas quando estiverem antes de uma consoante, como em *je vais* (eu vou)¹². Não serão pronunciadas, no entanto, quando o verbo seguinte for iniciado por vogal ou por *h* mudo. Nesses casos, forma-se, gráfica e foneticamente, uma *liaison* (junção), que é marcada pela omissão da vogal do pronome e pelo acréscimo de um apóstrofo à consoante deste, que se juntará ao verbo¹³. Veja os exemplos (13) a seguir:

¹¹ Exemplos de (11b, c) e (12b) retirados de Ayer (1900: 421).

¹² Podem também ser pronunciadas os *e* da forma de terceira pessoa *le* ou *les* quando estiver ao final de um grupo, como em *prends-le*. Não existem as formas *me* e *te* ao final de um grupo, como se poderia imaginar **prends-me* ou **prend-te*, usam-se as formas tônicas: *prends-moi* e *prend-toi*. Entretanto, esta cisão será vista mais a frente.

¹³ Para Crouzet (1907: 64), tem havido uma evolução contínua do apagamento na pronúncia dos pronomes quando estes estão ao lado do verbo, tornando-se cada vez menos acentuados, a exemplo o fato de os francófonos pronunciarem, mais e mais, *j’cours* (‘eu corro’), em vez de *je cours*. Porém, encontram-se evidências, no século XVI, de que o pronome era tônico, como o caso já explicado de *je soussigné* (‘eu assino embaixo’).

(13)

a) Pronome sujeito:

J'écris, j'ai dit, j'habite.

‘Eu escrevo’, ‘eu disse’, ‘eu habito’.

b) Pronome complemento (direto ou indireto):

Tu m'as dit, je t'ai vu.

‘Tu me disseste’, ‘eu te vi’.

c) Com a forma sujeito do pronome da 2ª pessoa do singular, na Gramática Tradicional, isso não ocorre¹⁴:*{Tu es; *T'es} sorti, {tu as; *t'as} dis.*

‘Tu saíste’, ‘tu disseste’.

Os pronomes *disjoints* ou *absoluts*, *moi* e *toi*, são formas tônicas¹⁵ e podem ser empregados como sujeito, atributo, objeto direto ou indireto. Há dezesseis situações em que esses pronomes podem ser empregados, mas a principal delas é por aparecerem após o verbo, em posição enclítica. Considerem-se os dezesseis motivos em (14) a (21), em que há a ocorrência do pronome tônico para testar a seguinte hipótese: os pronomes tônicos, *disjoints*, podem ser considerados fortes no modelo de Cardinaletti e Starke (1999)?

(14)

a) Quando o pronome pessoal exerce a função de sujeito e é seguido de um aposto ou de um adjetivo:

Moi, malade et languissant, j'étais...

‘Eu, doente e langoroso, estava...’

b) Quando se deseja enfatizar o sujeito pela colocação de um pleonasma:

Moi, je veux le canard à l'orange.

¹⁴ Na oralidade, entretanto, devido à rapidez da fala, é comum se encontrar a *liaison*. Na literatura contemporânea, também é possível encontrá-la: “*Mais qu'est-ce que t'as, pourquoi t'es énervé? [...] Toi, t'es un parasite, t'es tranquille dans ton hamac à raconter tes petites histoires à la con...*” / ‘Mas o que tens, por que estás irritado? [...] Tu, tu és um parasita, tu és tranquila em sua rede de contar suas pequenas histórias ridículas...’ (Tradução livre. Klapisch, Cédric. *Les poupées russes*). Não se encontrou explicação para a inexistência da *liaison* nas gramáticas tradicionais. Faz-se aqui um convite para possível estudo futuro.

¹⁵ Os pronomes *disjoints* podem perder sua tonicidade quando forem seguidos por uma monossílabo, ou serem c-modificados, como em: *moi seul* (eu sozinho) e *toi-même* (tu mesmo).

‘Eu quero o pato com [molho de] laranja.’

*Qu’est-ce que tu, **toi**, fais ici?*

‘O que tu fazes aqui?’

Nos exemplos (14a, b) acima, vê-se que os pronomes *moi* e *toi* estão em uma posição de topicalização, enquanto os pronomes *je* e *tu* estão na posição de sujeito. Isso demonstra que, do ponto de vista sintático, cada pronome tem seu lugar na sentença e um não pode aparecer no lugar do outro. Postula-se, na teoria da tripartição dos pronomes, que, uma vez que uma forma deficiente é licenciada em determinada posição, a forma forte não pode ocorrer. Como no tópico em (14a, b), a proforma forte é usada, a proforma deficiente – *je* ou *tu*, neste caso –, seja ela fraca seja clítica, não é passível de ocorrer.

(15) Quando o pronome for atributo após um verbo:

*Dans ce photo, c’est **moi** quand j’étais petit.*

‘Nesta foto, sou eu quando pequeno.’

Em (15), o pronome *moi* foi usado como predicativo do sujeito, em uma sentença construída com o pronome *ce*, pronome sujeito neutro. No português brasileiro, uma língua de sujeito nulo, percebe-se sua construção “sou eu”, em que o **eu** faz o papel de predicativo do sujeito, enquanto a posição de sujeito – logo antecedente ao **sou** – fica vazia. Como o francês não permite construções com sujeito nulo, o pronome *ce* é acionado para suprir essa necessidade. Observa-se, mais uma vez, que o pronome chamado *disjoint* não ocorre na posição de sujeito.

No entanto, observando-se os exemplos (16) e (17a), a seguir, percebe-se uma discrepância no padrão que vinha sendo formado: o fato de que o pronome *disjoint* não poderia aparecer na posição de sujeito, pois haveria uma forma fraca para substituí-lo. Nesses casos, a forma tônica pode garantir o licenciamento da posição de sujeito. É necessária uma reanálise da oposição forte e fraca para a posição de sujeito, estudo que não é o foco deste trabalho.

(16) Quando o pronome sujeito é antecedente de um pronome relativo:

*Toi qui parles, qu'es-tu?*¹⁶

‘Tu que falas, que és tu?’

(17)

a) Quando se exprime forte oposição ou clara distinção entre dois sujeitos:

Moi pars et toi restes.

‘Eu parto e tu ficas.’

b) Quando o sujeito está coordenado com outro(s) sujeito(s):

Tes parents, toi et tes amis nous aiderez?

‘Teus pais, tu e teus amigos nos ajudarão?’

c) Quando o pronome pessoal exerce função de objeto e há outro objeto coordenado a ele, seja nome, seja pronome.

Il contemplait la foule sans distinguer ni moi ni personne.

‘Ele contemplava a multidão sem distinguir nem a mim nem a ninguém.’

Essa discrepância, porém, não impede o prosseguimento do teste para encaixar o pronome *disjoint* como uma forma forte no modelo da tripartição. Se este apresentasse alguma deficiência, não poderia ser coordenado, fato principal dos exemplos (16) e (17).

(18)

a) Quando há elipse do verbo, nas respostas e nas proposições exclamativas e comparativas:

Qui va faire le gâteau? – Moi [le vais faire]!

‘Quem vai fazer o bolo? – Eu [o vou fazer]!’

Comme toi, il n’y a personne.

‘Como tu, não há ninguém.’

b) Em posição de clivagem:

C’est toi qui sortiras plus tôt?

¹⁶ La Fontaine (1621-1695), *Œuvres*, ed. Régnier (Grandes escritores da França), 3 vol. Paris, Hachette, 1883-93 *apud* Grevisse (1964: 411).

‘É tu que sairás mais cedo?’

c) Quando o pronome é seguido por uma palavra que reforça seu sentido:

Moi-même vais soigner des invités.

‘Eu mesmo vou cuidar dos convites.’

As situações (18) são construções em que proformas deficientes (fracas e clíticas), segundo postulado por Cardinaletti e Starke (1999), não podem ocorrer. Em (18a, b), o pronome forte é licenciado justamente pela estrutura – elipse e clivagem –, que impossibilita outras proformas. O terceiro caso (18c) mostra uma c-modificação do sujeito, estrutura que também impede proformas deficientes de se manifestar. Neste caso, convém lembrar que a tonicidade passa do pronome *disjoint* para a palavra seguinte.

(19) Quando o pronome aparece junto com infinitivo exclamativo ou interrogativo:

Moi le faire!

‘Eu fazê-lo!’

Toi y aller?

‘Tu vais lá?’

O caso (19) é uma peculiaridade da língua francesa: o verbo está no infinitivo, ou seja, não está conjugado, e isso implica dizer que a posição de sujeito está nula. Neste caso, é impossível escrever “*moi, je le faire*” (19’b), pois o pronome *je* não faz papel de tópico e, por isso, não há conjugação para acionar o sujeito. Observe-se (19’):

(19’)

a) *Moi* [ø *le faire*].

b) **Moi*, [*je le faire*].

c) *Moi*, [*je le fais*].

Em (19’c), vê-se a corrente situação em que o pronome tônico é acionado para a posição de tópico, pois o sujeito está preenchido, e o verbo, conjugado. Em contrapartida, (19’a) tem seu sujeito nulo, situação que não pode ocorrer no francês. O que acontece, então, é que, visto pela sintaxe, o pronome tônico ocupa o sujeito. Essa situação pode ser, de certa forma, comparada à sentença (19’’) na língua portuguesa:

(19'')

- a) – Mãe, e agora, o que fazemos?
 – Agora, {vocês **fazerem**; fazer} o dever de casa.

O português brasileiro tem duas opções: por ser uma língua que admite sujeito nulo, é possível que o infinitivo apareça sozinho ou que haja uma estrutura em que apareça o infinitivo flexionado para acionar a posição de sujeito. No francês, não há ocorrência deste e, dessa forma, o pronome *disjoint* é licenciado para suprir a necessidade de sujeito.

É importante observar em (20a) que é impossível que as formas *conjointes me* e *te* apareçam em posição enclítica após o imperativo, independentemente de sua função: seja objeto direto seja indireto. Já as outras formas, da terceira pessoa, *le*, *les*, *lui*, *leur* e *eux*, podem aparecer todas após o imperativo em suas respectivas funções. Os pronomes *nous*, *vous* e *elle(s)*, por não mudarem gráfica nem fonologicamente, sempre ocorrerão em qualquer posição. Quando, entretanto, os pronomes da primeira e da segunda pessoa do singular aparecem em posição enclítica após o imperativo afirmativo (20b) e, seguido a ele, outro pronome aparece (*en* e *y*), usam-se as formas *me* e *te* reduzidas por elisão *m'* e *t'*. É provável que os adjuntos *en* ou *y* ajude na tonicidade para a ocorrência dos pronomes átonos, já que a posição que precede o verbo requer tonicidade

(20) Quando for complemento de verbo no imperativo afirmativo e, por isso, deverá estar em posição enclítica:

- a) *Parle-moi de tes anxiétés.*
 ‘Fale para mim de tuas ansiedades.’
- b) *Donne-m'en.*
 ‘Dê-mos.’ (me + os)

Em (21), a seguir, o uso do pronome tônico é instintivo, pois precede uma preposição, caso que afirma seu conceito. Aqui, não há peculiaridades que possam ser estudadas no presente trabalho. Os exemplos de (14) a (21) são mais do que suficientes para mostrar que os pronomes *disjoints* – *moi* e *toi* –, tônicos, do francês, podem ser considerados proformas fortes, segundo o modelo da tripartição pronominal de Cardinaletti e Starke (1999).

(21)

- a) Quando os pronomes, antepostos por preposição, estiverem em posição enclítica de uma lista restrita de verbos, como *aller, avoir, courir, croire, en appeler, habituer, penser, prendre garde, recourir, renoncer, rever, songer* e os verbos pronominais (*se fier, se joindre*)¹⁷:

Je pense à toi.

‘Eu penso em ti.’

Tu parles à moi.

‘Tu falas para mim.’

- b) Quando os pronomes forem complementos circunstanciais, pois são separados do verbo por, pelo menos, uma preposição¹⁸:

Tu viens chez moi pour dîner?

‘Tu vens à minha casa para jantar?’

- c) Quando o pronome aparecer após a estrutura de restrição *ne... que*.

Les chiens n’obéissent qu’à toi.

‘Os cachorros só obedecem a ti.’

- d) Quando o pronome pessoal exerce função de objeto direto e aparece após um verbo no particípio passado, ele deve estar sempre em sua forma tônica e ser precedido pela preposição *à*.

La lettre à moi adressée est perdue.

‘A carta a mim adereçada está perdida.’

Como os pronomes *conjointes* não podem aparecer nestas dezesseis situações citadas – uma vez que, se pudessem, a forma forte não poderia ser empregada –, eles apresentam deficiência de algum tipo. É comum chamar o *je* e o *tu* de sujeitos clíticos – *subject clitics* –

¹⁷ A tradução de todos os verbos da lista, respectivamente: ‘ir’, ‘ter’, ‘correr’, ‘crer’, ‘chamar’, ‘habituar-se’, ‘pensar’, ‘ficar alerta’, ‘recorrer’, ‘renunciar’, ‘sonhar’, ‘refletir’ e os pronominais ‘depende’ e ‘juntar’.

¹⁸ Motivos e exemplos vistos em Grevisse (1964) e Crouzet (1907).

como visto em Paradis (2003: 1), e o *me* e o *te* como objetos clíticos – *object clitics* – (Paradis, 2003: 1). São estas duas formas, porém, realmente clíticos no francês?

Lembrando que os pronomes fracos são considerados levemente deficientes – *mildly deficient pronominals* – (Cardinaletti e Starke *apud* Siewierska, 2004: 37) e que os clíticos são severamente deficientes – *severely deficient pronominals* – (Cardinaletti e Starke *apud* Siewierska, 2004: 37), há algumas distinções entre leve e severamente deficiente que devem ser levadas em consideração:

Proforma	Pode ser modificada	Pode ser coordenada	Pode apresentar tonicidade	Pode ser apagada na elipse	Pode formar <i>clusters</i>
Fraca			X	X	
Clítica					X

Quadro 2: diferenças entre as proformas fracas e clíticas

Como ambas as formas são deficientes, nenhuma pode ser modificada (22a, b) nem coordenada (22c, d), características que reiteram sua deficiência, seja leve seja severa.

(22)

- a) **Vraiment je le suis.*
‘Verdadeiramente eu o sou.’
- b) **Je te seulement aime.*
‘*Eu te somente amo.’
- c) **Je et tu aimons le cinéma.*
‘Eu e tu amamos o cinema.’
- d) **Il me et te montrera.*
‘Ele me e te mostrará.’

As proformas fracas podem, ao contrário das clíticas, apresentar tonicidade (*bear stress*) e ser apagadas na elipse. Revejam-se os exemplos (8c, d), (9c), (11b) e (12b).

(8)

- c) *Conduis- $\{moi; *me\}$ à prendre mes papiers.*
‘Leva-me para pegar meus documentos.’
- d) *Fais- $\{moi; *me\}$ un gâteau.*
‘Faça-me um bolo.’

(9)

c) *Suis-je le fou?*

‘Sou eu o louco?’

(11)

b) *Je l’aime et (je) l’estime.*

‘Eu o amo e o estimo.’

(12)

b) *Tu me flattes et {me; *(me)} loues.*

‘Tu me lisonjeias e me elogias.’

Ao se observar os exemplos (8c, d), percebe-se a impossibilidade de os pronomes objeto aparecerem na inversão sintática da ordem pronome-verbo, distintamente do que acontece em (9c), em que o pronome sujeito pode ocorrer, mesmo que a lista de verbos com os quais isso aconteça seja pequena em relação à magnitude da língua. Isso nos mostra que os pronomes sujeitos *je* e *tu* começam a se comportar nos moldes de proformas fracas no modelo tripartido, enquanto os pronomes objetos *me* e *te* aproximam-se das proformas clíticas.

Nas sentenças (11b) e (12b), vê-se que, em sentenças de coordenação, o pronome sujeito pode ser omitido, enquanto o objeto deve ser repetido. Mais uma vez, observa-se que o comportamento desses dois tipos de pronomes aproxima-se dos postulados de Cardinaletti e Starke (1999).

Em relação ao último elemento comparativo do quadro 1, a formação de agrupamento de clíticos (*clitic clusters*), é notável que os pronomes objetos da primeira e da segunda pessoa do singular não podem coocorrer (23a), contudo podem ocorrer com um pronome da terceira pessoa no acusativo (23b):

(23)

a) **Jean me et te montrera son petit oiseau.*¹⁹

‘João me e te mostrará seu passarinho.’

b) *Jean {me l’; *le m’} avait montré hier.*

‘João mo (me + o) havia mostrado ontem.’

¹⁹ Quando há uma sentença em que a primeira pessoa é o objeto direto e a segunda é o indireto, por exemplo, a forma forte é licenciada para o objeto indireto, deslocando este para o final da sentença e adicionando, a sua esquerda, uma preposição.

(23a’) **Jean me te presentera.**Jean me presentera à toi.*

Do exemplo (23b), ainda é possível depreender que existe uma ordem que deve ser seguida ao se inserir dois objetos: o direto e o indireto. Essa formação de *clitic cluster* mostra a possibilidade de se analisar os pronomes *me* e *te* como proformas clíticas no modelo da tripartição dos pronomes. Como uma possível formação de *clitic cluster*, no caso dos pronomes sujeitos, implicaria uma coordenação, e, por isso, percebe-se sua impossibilidade de ocorrência.

Por tudo o que foi exposto, o modelo proposto por Cardinaletti e Starke (1999), que postula uma divisão dos pronomes pessoais das línguas gerais em três categorias, é plausível para se estudar a língua francesa e seus pronomes pessoais da primeira e da segunda pessoa do singular. Cabe, desta forma, um estudo similar para as outras pessoas do discurso.

4. Considerações finais

Os pronomes pessoais nas línguas naturais, principalmente nas românicas, sempre suscitaram grandes questionamentos em relação a suas propriedades morfosintáticas e suas condições de uso. Na língua francesa, a grande complexidade do sistema pronominal traz infinitas possibilidades de estudo, uma vez que o enfoque pode ser diferente. Diante de inúmeros estudos dos pronomes desta língua e de dois modelos que se propuseram a estudá-la – o binomial e o tripartido –, parece dispensável focar-se no francês. Engana-se, porém, que assim o seja. Houve a necessidade de se observar os dois modelos juntos, em um estudo de que se depreendesse que um modelo não anula o outro.

No capítulo teórico do presente trabalho, logrou-se trazer um resumo da teoria proposta por Cardinaletti e Starke (1999), ilustrado com exemplos do italiano e do português, para que se pudesse entender o interesse no assunto e sua relevância na teoria linguística. Ainda, trouxe-se uma explicação abrangente sobre os clíticos no sistema binário a fim de se possuir um maior escopo teórico para atrelar as duas teorias e, também, para entender o conceito de restrição, que licencia ou impede que o elemento apareça na sentença e em que posição ele deverá ocorrer.

Outro propósito deste trabalho foi ater-se aos pronomes pessoais, átonos e tônicos, da língua francesa e estudá-los em uma perspectiva binomial para que se pudesse compará-los mais a frente. Lançando mão da visão de aclamadas gramáticas tradicionais, buscou-se trazer exemplos tanto literários quanto orais da língua e verificar sua gramaticalidade. Viu-se também que, devido à grande assimetria entre os pronomes de primeira e segunda pessoa e a terceira pessoa, foi-se imprescindível direcionar este estudo para os pronomes da primeira e da segunda pessoa do singular.

O objetivo principal a que se propôs o presente trabalho foi efetuar uma reanálise dos pronomes pessoais da primeira e da segunda pessoa do singular na língua francesa. Frequentemente estudados sob a égide de um modelo clássico, o binomial – que os divide nas classes átono eônico –, os pronomes apresentam peculiaridades que permitem que sejam observados por outro ângulo: o tripartido – que os divide em proformas fortes, fracas e tônicas. É importante observar que a questão da tonicidade é uma característica marcante e basilar neste novo modelo e não invalida, de forma alguma, o primeiro modelo.

A principal consideração a que se chega é que os pronomes pessoais da primeira e da segunda pessoa do singular no francês podem ser estudados também pelo ponto de vista do modelo tripartido. É possível relacionar os pronomes átonos e tônicos da seguinte maneira: os

pronomes sujeito – *je* e *tu* –, frequentemente chamados por linguistas de sujeitos clíticos, podem ser revistos como proformas fracas, pois possuem algumas restrições para aparecerem na sentença. Já os pronomes objeto – *me* e *te* –, denominados objetos clíticos, podem ser observados como proformas clíticas no modelo tripartido, devido a suas mais severas restrições do que os pronomes sujeito. Por fim, as formas tônicas *moi* e *toi* são reavaliadas como proformas fortes, devido à variedade de situações em que podem ocorrer.

A inesgotabilidade do tema continua: fazem-se necessários estudos sobre a terceira pessoal, tanto do singular quanto do plural, do francês atual; sobre a aplicação dos dois modelos em outras línguas, como, por exemplo, o português brasileiro, ainda pouco explorado pelo modelo tripartido e sobre uma análise comparativa entre os dois modelos que enfoque diversas línguas. Estudos como estes e deste trabalho são altamente enriquecedores tanto para a área de linguística quanto para o aprendizado de segundas línguas, pois permitem a compreensão profunda dos fenômenos linguísticos e, assim, maior conhecimento da língua.

Referências bibliográficas

ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Clitic Doubling. *In*: EVERAERT, Martin; VAN RIEMSDIJK, Henk (orgs.). *The Blackwell Companion to Syntax*. Volume I. Blackwell Publishing, 2005.

ARNAUD, Antoine; LANCELOT, Claude. *Grammaire générale et raisonnée*. Paris: Paulet, 1969.

AYER, Cyprien. *Grammaire comparée de la langue française*. Paris: Georg & C°, 1900.

CARDINALETTI, Anna; STARKE, Michal. The typology of structural deficiency: A case study of the three classes of pronouns. *In*: RIEMSDIJK, Henk van (org.). *Clitics in the Languages of Europe*. Berlin, Nova York: Mouton de Gruyter, 1999.

CREISSELS, Denis. *Syntaxe générale, une introduction typologique 1: catégories et constructions*. Paris: Lavoisier, 2006.

CROUZET, Paul (org.). *Grammaire française: simple et complète*. Toulouse: E. Privat, 1907.

DESCOUBES, Françoise; PAUL, Joëlle (org.). *Grammaire Française: quatrième-troisième*. Paris: Bordas, 1988.

DUBOIS, Jean. *Grammaire structurale du français: nom et pronom*. Paris: Larousse, 1965.

GREVISSE, Maurice. *Le Bon Usage: Grammaire française*. Gembloux: J Duculot, 1964.

HALPERN, Aaron L. Clitics. *In*: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M (orgs.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.

MILLER, Philip; MONACHESI, Paola. Les pronoms clitiques dans les langues romanes. *In*: GODARD, Danièle (org.). *Les langues romanes: Problèmes de la phrase simple*. Paris: Editions du CNRS, 2003.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria C. F.; LOPES, Ruth E. V. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2007.

MONNERIE, Annie. *Le français au présent*. Paris: Didier/Hatier, 1987.

PARADIS, Johanne; CRAGO, Martha; GENESEE, Fred. Object Clitics as a Clinical Marker of SLI in French: Evidence from French-English Bilingual Children. *Proceedings for the Annual Boston University Conference on Language Development*, nº 27, 2003.

PETERSEN, Carol. A tripartição pronominal e o estatuto das proformas *cê, ocê* e *você*. *D.E.L.T.A.*, 24:2, 2008.

RIEGEL, Martin; PELLAT, Christophe; RIOUL, René. *Grammaire méthodique du français*. Paris: Quadrige, 1994.

RIEMSDIJK, Henk van (org.). *Clitics in the Languages of Europe*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 1999.

SIEWIERSKA, Anna. *Person*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SPENCER, Andrew. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell, 1991.

SPORTICHE, Dominique. (1995) Subject clitics in French and Romance: Complex inversion and clitic doubling. In: JOHNSON, Kyle; ROBERTS, Ian (orgs.). *Studies in Comparative Romance Syntax*. Kluwer Academic Publishers: Dordrecht, 1995.

WAGNER, Robert Léon; PINCHON, Jacqueline. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris: Hachette, 1991.